

a QUILOMBOLA.

Informativo Especial da Articulação popular e sindical de mulheres negras do interior, capital e litoral de São Paulo, 25 de julho - Dia Internacional da Mulher Afro-Caribenha e Afro-Latinoamericana.

Editorial

A Quilombola especial traz para você o pensamento de Angela Davis, ex.ativista dos PANTERAS NEGRAS.

Para quem não sabe, veja como a sua história de vida foi e é importante para a construção de um pensamento feminista que repousa na concepção de gênero, raça e classe.

Quem é Angela Davis... (*)

Hoje com 53 anos e natural de Birmingham (EUA), estudou literatura francesa em Nova York e concluiu pós-graduação na Universidade de Paris. Posteriormente seguiu para a Alemanha, Frankfurt, onde estudou com Theodor Adorno e Oscar Negt.

De volta aos EUA tornou-se professora do departamento de Filosofia na Universidade da Califórnia / UCLA. Publicou diversos livros (If They come in the morning - Voices of Resistance, Angela Davis - AN Autobiography, Women, Race & Class, Women, Culture & Politics, The Angela Y. Davis Reader, Blues legacies and black feminism - Gertrude "Ma" Rainey, Bessie Smith and Billie Holliday).

Filiou-se ao Partido Comunista norte-americano em 1969.

Em agosto de 1970, foi acusada de seqüestro e assassinato por ter participado de uma ação política.

Durante o julgamento de três adolescentes negros, o tribunal foi invadido por quatro ativistas dos Panteras Negras e fizeram reféns o juiz, o promotor e dois jurados.

Nesse episódio a policia reagiu e no tiroteio morreram o juiz, um jurado e três ativistas dos Panteras Negras.

Angela Davis não estava no local , mas as armas usadas na ação política estavam registradas em seu nome. Presa pelo FBI , passou quase dois anos detida. Houve um movimento internacional para levantar fundos para a sua defesa. Foi julgada e considerada inocente em junho de 1972.

Nesse mesmo ano candidata-se a vice presidência dos EUA pelo Partido Comunista.

Até hoje continua fazendo conferência em defesa dos direitos dos negros. (*) A biografia aqui apresentada foi retirada da Folha de São Paulo de 17 /12 / 98.

a CONFERÊNCIA . . .

Realizada em 13/12/97, em São Luís do Maranhão, na I Jornada Cultural Lélia Gonzales, promoção do Centro de Cultura Negra do Maranhão e Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza , com o apoio da Fundação Cultural Palmares.

a PARTICIPAÇÃO DE ANGELA DAVIS.

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a fundação Palmares pelo convite para participar desse maravilhoso encontro de mulheres negras, especialmente, pelo prazer de poder homenagear Lélia Gonzales , a fundadora do Grupo Nzinga - Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro. Penso que ela foi uma das figuras mais importantes do movimento negro no Brasil.

Eu me sinto privilegiada de estar aqui e do compartilhar com vocês as nossas lutas, principalmente, na medida em que nós estamos caminhando para o próximo milênio .

Eu sei que nesse encontro vocês estão discutindo o tema da invisibilidade forçada da mulher negra . Eu sei como isso ocorre . Ao mesmo tempo em que a mulher negra é considerada a mãe da cultura brasileira , ela é ao mesmo tempo invisível .

E vocês sabem que nos EUA, as mulheres negras têm lutado há décadas para acabar com essa invisibilidade. Vejam os exemplos das escritoras negras contemporâneas como Tomi Morrison e Alice Walker .

Num certo sentido já percorremos um longo caminho e em outro continuamos invisível .

Eu faço parte de um comitê que indica pessoas para receberem o prêmio dado pela entidade negra, denominada Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP).

Eu fiquei assustada por encontrar dentre as pessoas premiadas um número tão pequeno de mulheres negras .

Mesmo quando a gente olha a situação da mulher negra em Hollywood, se tem observado que ela desempenha papel que lembra a “Mãe Preta”.

Por exemplo, os papéis que Whoopi Goldberg tem desempenhado são quase sempre papéis de quem facilita a relação entre pessoas brancas . Ou então , ela inicia crianças brancas na maturidade.

Um outro ponto que gostaria de abordar , é o fato de que quando as mulheres negras adquirem mais visibilidade, isto sempre se trata de mulheres de classe média .

Gostaria de voltar ao século XIX, quando existiam clubes de mulheres negras, que utilizavam o seguinte slogan: “puxar para cima enquanto a gente avança”. Isso para explicar hoje a relação entre as mulheres negras de classe média e as pobres, a partir de um novo projeto. Hoje nos EUA, em função do crescente empobrecimento, as mulheres negras pobre são responsabilizadas pela própria miséria.As mães solteiras geralmente estão nos serviços da Previdência Social e são colocadas como as reprodutoras da pobreza e da marginalidade.

Eu gostaria de compartilhar com vocês a idéia de um projeto que tem contado com a participação de várias mulheres negras. É um projeto que reúne escritoras e cineastas . Elas passaram a trabalhar juntamente com as mulheres mãe solteiras da Previdência Social.

Essa união foi realizada por que acreditamos que algumas de nós ainda tem voz. Algumas de nós são mais visíveis. Algumas de nós podem escrever e publicar. Algumas de nós são jornalistas. E algumas de nós podem filmar documentários.

Então as mulheres negras escritoras, cineastas, se juntaram com as mães solteiras e essas passaram a contar sua história de vida. Essa história é levada para a imprensa negra, para revista black e imprensa em geral .

Então, nós decidimos , as mulheres de classe média, que temos responsabilidade com as mulheres vitimas da pobreza e decidimos puxá-las para cima, ou como se diz no Brasil, “dar uma força” ou mesmo ser solidária.

Um problema que temos enfrentado, atualmente é o seguinte: na medida que os negros ascendem socialmente, eles tem deixado para trás a sua própria comunidade

Não se quer estabelecer nenhuma relação com as mulheres negras da Previdência Social. Não querem ser relacionados com as pessoas negras que estão na prisão.

Porém alguns de nós estão dizendo: eles são nossos irmãos, e se adquirimos um certo grau de visibilidade, foi em cima dos ombros daqueles que ficaram para trás.

Eu sei que essa conferência está especificamente proposta para tratar sobre a imagem da mulher negra na sua relação cultural, por isso a partir de agora falarei sobre uma pesquisa que desenvolvi, que resgata a relação entre o cultural e o político .

Eu tenho um livro que será publicado brevemente e se chama “O Legado do Blues e a influência negra”.

Eu acho importante que a gente olhe para a história de uma maneira não ortodoxa.

Eu vejo, hoje, que quando se chaman os nomes das nossas ancestrais feministas, percebemos que elas foram educadas /escolarizadas. Eram mulheres que podiam escrever. Elas organizaram vários clubes de mulheres no passado. Mas, o que aconteceu com as mulheres que não escreviam ?

O que aconteceu com a mulher pobre da classe trabalhadora ?

Existe alguma forma de recuperar a contribuição dessa mulher para o feminismo negro ?

Por isso, eu passei a olhar e analisar o blues. Ai eu observei as mulheres cantoras de Blues. E eu me dou conta de que elas encontraram maneiras de conversar sobre o feminismo, por exemplo, falaram de sexualidade.

As mulheres de classe média não era permitido falar sobre sexualidade em público.

Não se falava abertamente sobre sexualidade. Isso era um tabu. Mas, no contexto do Blues podia explorar qualquer tema relacionado com sexualidade.

E me parece que a questão da sexualidade está ligada à luta do povo negro por liberdade.

E por que eu digo isso?

Por que, se a gente olhar para as condições do povo negro imediatamente após a abolição nos EUA, percebemos que ele não tinha liberdade econômica.

Havia a demanda por 40 acres de terras e uma mula, mas poucos conseguiram receber os 40 acres de terra.

A maioria dos negros não tinha liberdade econômica nem política. Então, no período imediatamente após a escravidão havia três formas / direitos através das quais os negros conseguiam ser livres.

O direito de ir e vir e deixar as plantações. O direito a educação pelo qual muitos negros deram suas próprias vidas. O direito de escolher parceiros sexuais.

Essa liberdade em relação à sexualidade incorpora muitas outras aspirações por liberdades. Veja bem, já que não se tinha liberdade política nem econômica, havia um certo grau de liberdade nas suas vidas sexuais.

Quando a gente pega o slogan feminista “o pessoal é político” e o analisa a luz da história do povo negro como escravo, percebemos que o slogan adquire um significado totalmente diferente.

O Blues foi a primeira forma artística que emergiu após a abolição.

E as mulheres negras nos anos 20 emergem como cantoras de Blues, como trabalhadoras, como profissionais e assim foram gravando músicas.

A questão da pesquisa histórica tem muita importância para a nossa luta contemporânea. E nós, acadêmicas e intelectuais, precisamos resgatar essa luta contemporânea por justiça. E hoje nos EUA o mais difícil, o grande desafio é fazer a ligação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político.

Um dos desafios que temos é como estabelecer a relação entre a violência doméstica e a pública.

Durante muitos anos o nosso lema foi a unidade negra, ou talvez o que se chama de solidariedade racial entre homens e mulheres negras. Mas frequentemente o silêncio das mulheres negras frente a violência doméstica tem prejudicado muito suas próprias vidas. A unidade negra da maneira como tem sido formulada protege um companheiro do movimento negro que bate na mulher de responder publicamente por sua atitude sempre argumentando que roupa suja se lava em casa.

Nós sabemos que a violência de um parceiro sobre uma mulher é tão ruim quanto a violência policial.

As mulheres cantoras de Blues dos anos 20 sabiam como falar desses problemas que acontecem nos relacionamentos e falavam abertamente.

Mesmo considerando que elas não tinham o vocabulário que nós temos hoje para falar a respeito do aspecto político da violência doméstica. Elas nunca esconderam isso. Elas nunca fingiram que isso não acontecia. E muitas mulheres que cantavam Blues compartilhavam com as outras mulheres o fato de que dentro de uma situação de violência o que elas deviam fazer é cair fora.

E é preciso aprender a estabelecer a relação entre gênero, raça, classe e sexualidade.

Nós temos que lutar por saúde física.

Nós temos que lutar por saúde mental.

Nós temos que lutar por saúde emocional.

Nós temos que lutar por saúde espiritual.

Nós sabemos que as mulheres negras dos EUA têm muito o que aprender com as irmãs brasileiras sobre a saúde espiritual. E aprender a reverenciar as nossas ancestrais Permitir que os ancestrais nos alimentem para que possamos continuar a nossa luta.

Nós temos que invocar espíritos como o de Aqualtune, o da Beatriz Nascimento e o nome de Lélia Gonzales.

Para concluir eu vou declamar um poema que é muito utilizado para inspirar as mulheres negras lá nos EUA.

“Eu me levanto

Você pode escrever a minha história com o seu amargor e mentiras

Você pode me atirar na lama. Mas, ainda assim como poeira eu me levanto.

Você acha que a minha sensualidade incomoda?

Por que você está tão cheio de rancor, tão entristecido e desanimado?

Porque eu vou caminhar como se eu tivesse poços de petróleo na minha sala de estar.

Como a lua e o sol, com a certeza das marés e com esperança.

Pulando bem alto, ainda assim eu me levanto

Você quer me ver quebrada e com a cabeça e os olhos baixos

Com os ombros caídos

Com as lágrimas e enfraquecida pelo meu choro

A minha dureza ofende você?

Não fique tomando isso como se fosse uma coisa ruim

Porque eu sorrio como se tivesse minas de ouro em meu quintal

Você pode me atirar as suas palavras

Você pode me cortar com seu olhar

Você pode me matar com o seu ódio

Mas, ainda assim como o ar eu me levanto

Minha sensualidade incomoda você?

Isso vem como surpresa

Eu danço como se eu tivesse diamante no ponto de encontro das minhas coxas
Fora da vergonha da história eu me levanto bem alto
Encontro o passado que está enraizado na dor
Eu me levanto. Eu sou um oceano negro
Indo bem alto e longo, inchando eu seguro as marés
E deixando de lado as noites de terror e de medo
Eu me levanto ao nascer da manhã que é maravilhosamente clara
Eu me levanto trazendo os presentes que meus ancestrais me deram
Eu sou o sonho e a esperança do escravo
Eu me levanto... ”

Lá nos EUA, no início do século, A.N.P.P.C - Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor - foi fundada para a defender os direitos dos negros. Algumas alas são bem conservadoras e outras mais progressistas.

Nesse sentido não se pode caracterizar a organização como um todo.

Recentemente, uma mulher foi eleita presidenta dessa entidade.

Pela primeira vez na história da N.A.P.P.C. existe uma mulher que esta na liderança e eu penso que isso é importante. Na comunidade negra norte-americana existe um desejo muito forte de fazer parte da luta. A identidade da comunidade negra foi muito construída em cima de marchas e ações do movimento negro.

Agora nos anos 90 nós não temos mais um movimento negro, unificado em torno de uma luta.

A “marcha de um milhão de homens” atraiu muitas pessoas com aquele desejo de participar da luta. Mas, o que nós sabemos agora é que o movimento dos anos 60 foi masculinista.

Assim como eles conquistaram muitas coisas, eles tornaram a mulher invisível. Eles representaram a liberdade do negro como a liberdade do macho.

Então, o principal problema da “marcha de um milhão de homens” era ter o pressuposto de que os homens se reunindo para resolver os seus problemas, praticamente, todos os problemas da comunidade negra estariam resolvidos. E isso não é verdade.

Por outro lado, não havia uma análise política sobre quais eram os problemas dos homens. Os organizadores da marcha chamaram os homens para ir até Washington com o apelo sobre o exame de consciência de cada um e basicamente propunham afirmá-lo como chefe de família. Enquanto que as mulheres foram solicitadas para ficar em casa e cuidar das crianças.

Elas não aceitaram esse tipo de proposta. O grande desafio é fazer a conexão entre o privado e o público, entre o pessoal e o político e aceitar a mulher negra como uma parceira igual nessa luta por liberdade.

Temos um caminho longo a seguir...

o DEBATE...

Foi registrado apenas o texto geral a partir das perguntas realizadas por Teodosina Ribeiro / SP, Angela / BH, Regina Nogueira / RS, Gevanilda Santos / SP, Edna Roland / SP, Rosângela Malachias / SP, Zenaide / RJ, Abigail Paschoa / RS, Zélia / PA, Sueli Carneiro / SP.

Agradeço por todas as questões. E para responder cada uma das perguntas nós teríamos uma longa conversa. Eu vou tentar falar sobre algumas...

O PAPEL DO ARTISTA E A LUTA POLÍTICA...

Essa é uma área em que todos nós precisamos refletir. Mas, historicamente, nos EUA, se tem a idéia de que o artista está lá para promover o entretenimento das pessoas. E dessa maneira o profundo papel dos artistas, o de colocar uma nova consciência, se perde de vista. Porque os artistas têm recursos visuais e performáticos. Ele usa o corpo como forma de expressão artística. Eles têm modo de dizer as coisas que o discurso político não dá conta. Quando se fala de uma pessoa que ficou famosa na Europa, por exemplo, isso é importante, se ela for uma porta voz da luta contra o racismo.

Essa atitude para o artista brasileiro é importante porque o Brasil encontra lá fora a idéia do mito da democracia racial.

A tradição oral é muito central na nossa cultura. Mas isso também tem seus próprios problemas e contradições. Como por exemplo, a mercantilização da cultura oral, como acontece com a black music nos EUA hoje. Isso torna a música disponível no mundo todo, porém, cria uma certa hegemonia da cultura afro-americana. O que torna mais difícil reconhecer a cultura original de cada país da diáspora, especialmente quando se observa o tipo de mensagem que vem através das músicas, principalmente na faixa jovem.

A POLÍTICA DA ESQUERDA E A QUESTÃO RACIAL...

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa, de que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E, gênero informa a classe.

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como raça é vivida.

A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero. De maneira a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre a outras.

COMO AS FEMINISTAS NEGRAS SE RELACIONAM COM AS MULHERES NEGRAS E MULHERES EM GERAL...

O movimento feminista é tão diverso que eu não sei se a gente pode falar de um só feminismo. Nós temos feministas por toda a parte. Nós temos feminista no partido republicano que são bastante conservadoras politicamente.

E mesmo dentre as feminista negras existem diversidade que temos de reconhecer.

Algumas mulheres negras se referem a si próprias como mulherista, usando o termo de Alice Walker. Há feministas negras que são acadêmicas, como Patrícia Hill Collins que escreveu um livro sobre o pensamento feminista negro. Há as mulheres negras que são feminista e fazem um trabalho mais prático, por exemplo, contra a violência sexual.

Dentre todos estes tipos elas, necessariamente, não concordam umas com as outras. Há muitas diferenças. O desafio é saber como trabalhar com as diferenças e contradições.

A diferença pode ser uma porta criativa. Nós não precisamos de homogeneidade. Nós não precisamos de mesmice. Nós não precisamos forçar todas as pessoas a concordar com uma determinada forma de pensar. Então, isto significa que precisamos aprender a respeitar as diferenças de cada pensar. E usar todas as diferenças como uma “fagulha criativa”. Isso nos auxiliaria a criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos.

Por exemplo, na Grã Bretanha quando se fala de mulheres negras está se falando de mulher asiática, caribenha e etc.

A MULHER NEGRA E A QUESTÃO DA SAÚDE...

Eu sou membro do projeto nacional de saúde da mulher negra. Tal projeto não se refere apenas a saúde física, mas também diz respeito a saúde mental, emocional e espiritual. Procuramos ver a saúde de uma maneira holística.

O Geledés conhece esse projeto porque já participou de várias conferências.

Nós, ao mesmo tempo que lutamos por um sistema de saúde pública, buscamos criar conceitos para discutir as questões da saúde da mulher negra.

Elas, em relação às mulheres brancas, morreram mais de câncer de mama e serviçal. Elas são mais afetadas por diabetes e hipertensão.

Há também a questão da auto-estima que estamos abordando nesta conferência.

E de certa forma, mesmo algumas de nós que conseguiram chegar a determinado ponto, ainda nos sentimos muito mal com a gente mesmo. Nos sentimos inferiores. E as mulheres que sentem-se assim terão muita dificuldade para ajudar àquelas mais empobrecidas, sobre cujos ombros elas se apoiaram para poder ascender.

Nesse projeto nós temos grupos de mulheres que conversam muito sobre os problemas que estão incomodando-as.

A GERAÇÃO DE ATIVISTAS DO MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS...

A noção dos direitos civis se tornou importante em termos da definição da luta nos anos 60. Então eu pergunto como se pode avaliar politicamente tal situação?

A história nos dá capacidade de olhar o passado a partir do presente. E quando a gente olha para a história a gente sempre quer enfatizar o que foi mais positivo e nos esquecemos de olhar para as contradições. Porém, se a gente olhasse para as contradições ou os problemas, isso nos ajudaria a ir para frente, isto é avançarmos.

O movimento dos Direitos Civis foi muito importante, mas teve um problema em relação ao papel da mulher na luta que não foi reconhecido.

As mulheres organizaram o movimento. As mulheres organizaram o boicote de Montgomery no ano de 1955.

E o que todo mundo sabe é o nome do jovem pastor que as mulheres pediram para que agisse como porta voz do movimento dos Direitos Civis chamado Martin Luther King.

Mas ninguém sabe o nome das mulheres que fizeram o trabalho organizativo.

Na medida em que a gente reverencia o Dr. King, ao mesmo tempo, a gente deve criticar o movimento por seu fracasso em reconhecer o papel central que as mulheres desempenharam. Veja um exemplo na imagem de Rosa Parkson.

Ela é representada como uma mulher que se recusou a dar lugar a um branco no ônibus porque estava cansada. O que geralmente se fala é que ela era uma empregada doméstica que voltava do trabalho e por seu cansaço desobedeceu à lei municipal racista do sul dos EUA. E assim originou o movimento em 1955.

Como se ela não soubesse o que estava fazendo. Mas ela era uma pessoa politicamente consciente e era organizada.

Rosa Parkson sabia exatamente o que estava fazendo. Na verdade duas outras mulheres já haviam sido presas na mesma circunstância, só que esses dois casos anteriores não tiveram sucesso devido a certas condições legais.

Rosa Parkson foi a terceira tentativa e com sucesso. Isso explica o mas masculinismo do movimento dos Direitos Civis que a gente deve avaliar e criticar.

Também devemos reconhecer que após 30 anos o discurso dos Direitos Civis não tem o mesmo poder. O mesmo discurso que foi utilizado por Luther King para clamar por justiça para todos, é hoje usado por conservadores para propor o dismantelamento das ações afirmativas.

As recentes iniciativas que ocorreram na Califórnia para derrubar conquistas da ação afirmativa, estão sendo chamadas de "Iniciativa Californiana pelos Direitos Civis". E eles estão dizendo que a ação afirmativa tem proposta que discrimina os homens brancos a favor de negros, mulheres e pessoas de cor em geral.

O mesmo tipo de linguagem utilizada pelo movimento dos Direitos Civis está sendo usada hoje por conservadores para proteger os privilégios dos homens brancos.

Todas as vitórias que obtivemos nos convidam para repensar, reconsiderar as possíveis vitórias futuras.

Nada está escrito na pedra.

O que é progressivo em determinado momento pode ser extremamente retrógrado em outro momento da história.

CONSTRÓI UM SOBRE COMO SE NOVA UTOPIA...

Nos EUA, alguns de nós da esquerda, nos baseamos no tipo de discussão que se fazia no Partido Comunista para nos ajudar a compreender os nossos projetos. Hoje, eu não sou mais membro do Partido Comunista. Alguns de nós estavam lutando para democratizar internamente o partido. Éramos da direção do partido e assumimos a luta pela democratização, mas não éramos autorizados a concorrer a cargos eletivos. Não conseguimos e perdemos essa luta.

Então, alguns de nós, do Partido Comunista, e outros socialistas construíamos uma nova articulação, uma rede que se chama “Comitê de Correspondência” da era revolucionária nos EUA.

Eu ainda acredito no socialismo, mesmo considerando que os países socialista não existem mais da maneira que existiam antes. É preciso ver que o capitalismo ainda está muito desenvolvido. Na verdade, capitalismo globalizado se insinua na vida das pessoas de uma forma que nunca tinha acontecido antes. Quando a gente vê a economia internacional em termos de turismo sexual e a maneira como as mulheres trabalhadoras são exploradas dentro das Américas.

Agora as corporações internacionais usam a população negra como o seu porta voz. Veja o exemplo de Michael Jordam e a Nike. Essa empresa explora os trabalhadores negros dos EUA, os da Indonésia e Vietnã. Nos EUA, nós estamos fazendo uma campanha para boicotar a Nike. Lá temos uma camiseta com o slogan “Não faça isso”.

Eu realmente penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões Utopia no sentido de que precisamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global. Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e nossas visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários, e principalmente, como desarticular valores capitalistas de valores democráticos.

CONTATOS COM NOSSA ARTICULAÇÃO NOS SEGUINTE ENDEREÇOS

Caixa Postal, 20397
São Paulo-SP
Cep: 04041-990
Caixa Postal, 5022
Campinas-SP
Cep: 13036-970

E-Mail:

winnie@obelix.unicamp.br

fonte: <http://www.pt.org.br/racismo/quilombola.htm>